Corpus diacrônico: constituição e descrição

Diachronic corpus: constitution and description

*Tatiana Schwochow Pimpão*¹

Universidade Federal do Rio Grande (ILA/FURG)

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148542324>

Resumo: Este artigo revisita o trabalho sociofuncionalista de Pimpão (2012) sobre o uso variável do presente do modo subjuntivo, vislumbrando dois objetivos: apresentar decisões metodológicas para a constituição de uma amostra diacrônica composta por cartas ao redator publicadas em jornais catarinenses e identificar, na diacronia, indícios de uma possível perda das distinções de modo. Para tanto, resultados foram reexaminados decorrentes de novas rodadas estatísticas, incluindo, para fins de comparabilidade, a amostra sincrônica. Uma interpretação geral indica que valores modais ainda estão atuando na variação do fenômeno em análise, embora as taxas de presente do subjuntivo mostrem-se mais elevadas nos dados diacrônicos.

Palavra-chave: Diacronia. Amostra. Descrição. Variação. Subjuntivo.

Abstract: This paper revisits the sociofunctionalist work of Pimpão (2012) about the variable use of the present subjunctive, seeking for two objectives: to present the methodological decisions for the constitution of a diachronic sample composed by letters to the editor published in newspapers from Santa Catarina and to identify, in the diachrony, evidences of a possible loss of mood distinctions. Therefore, results were reexamined arising from new statistical rounds, including, for comparability purposes, the synchronic sample. A general interpretation indicates that modal values are still acting in the variation of the phenomenon under analysis, although the present subjunctive rates are higher in diachronic data.

Keywords: Diachrony. Sample. Description. Variation. Subjunctive.

¹ Professora no Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande.

Introdução

Este trabalho revisita o estudo realizado por Pimpão (2012) acerca da variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do indicativo a partir de uma amostra sincrônica – dados de fala – e de uma amostra diacrônica – cartas ao redator publicadas em jornais catarinenses. Revisitar o estudo permite retomar procedimentos metodológicos importantes que podem contribuir com constituição de novas amostras diacrônicas, bem como examinar com mais cuidado considerações feitas a partir da interpretação de resultados percentuais e probabilísticos. Pimpão (2012, p. 322) encerra sua pesquisa com o seguinte questionamento: “estariam os resultados da diacronia indicando uma perda gradual nas distinções de modo?”. Os objetivos, então, concentram-se em apresentar as decisões metodológicas adotadas durante todo o percurso para a constituição de uma amostra diacrônica e identificar, na diacronia, indícios de uma possível perda das distinções de modo em comparação com os resultados para os dados sincrônicos de fala.

Para a descrição e análise do uso variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo, foram consideradas cartas ao redator publicadas em jornais de Florianópolis e de Lages do final do século XIX e de todo o século XX (PIMPÃO, 2012). Essa amostra diacrônica integra o Projeto para a História do Português Brasileiro de Santa Catarina (PHPB-SC), que reúne e disponibiliza diferentes documentos coletados, catalogados e editados, documentos esses de quatro localidades do estado de Santa Catarina: Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages. Em seu trabalho, Pimpão (2012) registra importantes considerações acerca da pesquisa com dados diacrônicos, além de elencar os critérios adotados para a constituição da amostra. Decisões metodológicas foram tomadas à medida que os jornais foram consultados.

Com relação ao segundo objetivo, pode-se afirmar que variáveis associadas à modalidade mostram-se atuantes, tanto para Florianópolis quanto para Lages, em ambas as amostras. A variável **projeção temporal**, selecionada em todas as rodadas, assinala a relevância de valores temporais, e não de valores modais, como preveem gramáticas normativas (CUNHA, 1992; MENDES DE ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA; CINTRA, 2007). A perda gradual das distinções de modo tem sido defendida por alguns autores, como Camara Jr. (1974),

Perini (1996, 2006, 2010), Silva-Corvalán (1994) e Mattos e Silva (2006). No entanto, a análise dos resultados indica que valores modais ainda estão atuando, como **submodo** e **valores do submodo**.

Buscando alcançar os objetivos propostos, o artigo está organizado em torno dos seguintes tópicos: amostra diacrônica, constituição da amostra diacrônica, variação no uso do modo subjuntivo e variação do presente do subjuntivo em cartas ao redator catarinenses. Seguem-se as considerações finais.

Amostra Diacrônica

O pesquisador interessado na descrição e análise de fenômenos linguísticos a partir de dados diacrônicos precisa, necessariamente, submeter-se à documentação (cartas, peças teatrais, anúncios, por exemplo) existente/remanescente, nem sempre sendo possível constituir seu *corpus* exatamente como desejado (MATTOS E SILVA, 2006). Documentos mais antigos estão suscetíveis ao desaparecimento, a menos que sejam preservados por familiares/amigos (como é o caso de cartas de amor e cartas de amigo e mesmo de peças teatrais) ou destinados ao abrigo e cuidado dos curadores de museus (como ocorre, a título de exemplo, com jornais e peças de teatro).

Recorrer a registros de época significa tentar fotografar os usos linguísticos de um determinado período. Claro que documentos escritos, como cartas pessoais e algumas peças de teatro, por mais naturais que possam parecer, são afetados pela normatização que rege a modalidade escrita da língua em uma determinada época. Essas considerações não desqualificam um estudo, entretanto exigem do pesquisador uma certa cautela na interpretação de resultados decorrentes de uma amostra diacrônica (TARALLO, 1994). Paiva e Duarte (2003) ainda destacam que a amostra diacrônica pode não representar a comunidade de fala da época e pode, ainda, preservar, na escrita, construções já em desuso na fala. Esses fatores não podem ser ignorados pelo pesquisador.

No que diz respeito especificamente às cartas ao redator, não há como saber se o remetente é natural da cidade onde o jornal é publicado. Por exemplo, não há como saber se o remetente de uma carta publicada no jornal de Florianópolis/Lages é natural da cidade. Para esse tipo de amostra, também não se descarta a possibilidade de ter havido revisão das cartas pela redação do jornal ou mesmo por outras pessoas.

Retomando Mattos e Silva (2006), o pesquisador precisa submeter-se ao material disponível. Diante disso, ganha destaque a posição defendida por Labov (1994), segundo a qual se deve fazer o melhor uso de dados não ideais.

Constituição da Amostra

As cartas publicadas em jornais de Lages e que compõem a amostra de Pimpão foram coletadas pela autora. Nessa cidade, foi consultado, principalmente, o acervo do Museu Thiago de Castro, que reúne diferentes jornais lageanos, desde a segunda metade do século XIX e de praticamente todo o século XX. Como forma de compensar a escassez de material no período de 1970 a 1990, o acervo da Biblioteca Municipal de Lages também foi examinado. No entanto, para esse período, a Biblioteca dispõe somente de exemplares do jornal *Correio Lageano*. À exceção de sete cartas já disponíveis no Banco PHPB/SC à época da realização da pesquisa, Pimpão constituiu a amostra de cartas publicadas em jornais de Florianópolis a partir de consultas na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, localizada na capital.

Como parte da constituição da amostra, três critérios foram adotados: definição do período das publicações, estabelecimento de parâmetros para identificação das cartas nos jornais e definição do número de cartas a ser considerado. Com relação ao primeiro critério, e tendo em vista que os primeiros jornais aparecem na segunda metade do século XIX, o processo de coleta das cartas deveria iniciar na década de 1850 e terminar na década de 1990, compreendendo, desse modo, um século e meio. No entanto, devido a intensas e sucessivas chuvas em Lages nos três primeiros meses do ano de 2011, alguns jornais alocados no Museu Thiago de Castro foram atingidos pela água, tendo sido, então, recolhidos para tratamento. O jornal mais antigo disponível para consulta, à época da coleta, datava de 1883: o *Correio Lageano*. Essa restrição no material de Lages precisou ser estendida aos jornais de Florianópolis, com vistas a uniformizar a amostra.

O segundo critério, estabelecimento de parâmetros para identificação das cartas nos jornais, fez-se necessário devido a dois fatores: falta de regularidade/espço no jornal e assinatura presente em diferentes tipos de textos. Até 1960, as cartas não apresentavam, de um modo geral, uma regularidade na publicação, o que poderia facilitar sua localização, nem mesmo apresentavam um lugar definido a ser ocupado no jornal.

Somente a partir da década de 1960, os jornais apresentam uma regularidade na publicação das cartas e muitos deles já com seções definidas para esse tipo de gênero, como pode ser visualizado no quadro a seguir.

Quadro 1 – Seção de cartas ao redator em jornais de Florianópolis e Lages

CIDADE	SEÇÃO	JORNAL
Florianópolis	Cartas à Redação	Imprensa Nova/1967–1968
	Cartas	O Estado/1975
	A Opinião do Leitor	Diário Catarinense/1978
	Cartas e Convites	A Ponte/ 1980
	Do Leitor	Jornal da Semana/1980
	Opinião do Leitor	O Estado/1982
	Do Leitor	O Estado/1989–1990–1992–1995–1999
	Cartas	Diário Catarinense/1993
	Diário do Leitor	Diário Catarinense/1997–1998
Lages	Cartas	O Planalto/1978–1979–1980
	Cartas	Correio Lageano/de 1995 a 1998

*Corpus
diacrônico*

227

Não havendo esse espaço até 1960, foi necessário encontrar uma alternativa que permitisse identificar uma carta ao redator publicada em períodos anteriores a essa década. A assinatura, de imediato, pareceu uma possível orientação, tendo em vista que cartas são assinadas. Contrariando a expectativa, nem mesmo a assinatura indicava uma carta, pois poesias, comunicados, declarações, atestados, piadas e artigos também eram assinados. Diante desse cenário, o uso do vocativo pareceu ser o mais apropriado para identificar uma carta ao leitor. Com o uso desse recurso linguístico, o autor da carta se dirige ao chefe da redação ou, ainda, ao diretor do jornal (em geral, também Redator-Chefe), solicitando a publicação de sua carta. Estes são alguns dos vocativos encontrados:

Quadro 2 – Vocativos presentes em jornais de Florianópolis e Lages

VOCATIVOS
Sr. Redactor (por vezes acompanhado pelo nome do jornal)
Caro Redactor e amigo
Meu caro Director da A Semana
Illustradissimo Sr. Redactor do Estado
À illustre redação do Correio do Povo
À Illustrada Redacção do Jornal O Clarão
Sr. Diretor

O terceiro critério, definição do número de cartas, foi impactado por situações adversas: quantidade pouco expressiva de jornais para consulta, como ocorre na década de 1880 em Lages e dificuldade de localizar carta em jornais publicados nas décadas de 1930, 1940 e de 1960, tanto em Florianópolis quanto em Lages. Assim, a metodologia foi se desenhando de forma autônoma, sendo ajustada de acordo com a quantidade de materiais disponíveis. Diante dessa configuração, optou-se por selecionar de 25 a 30 cartas a cada 20 anos.

No anexo 1², estão listados os jornais de Florianópolis e de Lages que fazem parte da amostra de Pimpão (2012). O anexo ainda inclui as datas de publicação das cartas analisadas. O ideal seria haver uma carta por ano, porém, devido à baixa regularidade na publicação de jornais, especialmente no século XIX e devido à ausência de seções específicas para cartas nos jornais florianopolitanos e lageanos, notadamente até 1960, não foi possível atingir essa expectativa.

Ainda, importa registrar a intenção de diversificar os jornais na tentativa de evitar uma relação entre os resultados alcançados para o uso variável do presente do modo subjuntivo e o estilo priorizado em determinados jornais. Também cartas enviadas de outras cidades, pertencentes ou não ao estado de Santa Catarina, não fizeram parte da amostra, a menos que o remetente se identificasse como natural de Florianópolis ou de Lages em algum momento da carta publicada.

Uma outra dificuldade com a qual o pesquisador se depara refere-se ao *paradoxo da linguística histórica*: para Labov (1994, p. 21), “a tarefa da linguística histórica é explicar as diferenças entre o passado e o presente; porém não há meio de saber a extensão da diferença entre o passado e o presente”³. Não havendo, portanto, meios de antecipar distinções entre passado e presente, como tentar indicar generalizações acerca de fenômenos linguísticos em um determinado período histórico? Labov (1972, 1994) propõe o ‘princípio do uniformitarismo’, originado das ciências históricas, especialmente a geologia e a filologia. De acordo com esse princípio, “as forças que operam para produzir a mudança linguística hoje são do mesmo tipo e ordem de

2 O anexo 1 foi retirado integralmente de Pimpão (2012, p. 339-343), o que inclui as notas de rodapé que esclarecem informações apresentadas.

3 (LABOV, 1994, p. 21): “The task of historical linguistics is to explain the difference between the past and the present; but to the extent that the past was different from the present, there is no way of knowing how different it was.”

grandeza das que operaram no passado, há cinco ou dez mil anos” (LABOV, 1972, p. 317). Por essa razão, o “conhecimento de processos que operaram no passado pode ser inferido, observando os processos que ocorrem no presente”⁴ (LABOV, 1994, p. 21). É isso que se busca na seção seguinte.

Variação no Uso do Modo Subjuntivo

A última década do século XX registra um interesse pelo estudo do uso variável do modo subjuntivo, intensificado logo no início do século XXI, momento em que se destacam diferentes pesquisas acerca do uso variável desse modo verbal em diferentes regiões do Brasil: (a) Região Sul: Costa (1990), Pimpão (1999, 2012) e Fagundes (2007); (b) Região Sudeste: Botelho Pereira (1974), Wheritt (1977), Alves Neta (2000), Gonçalves (2003), Guiraldelli (2004), Santos (2005), Almeida (2010) e Barbosa (2011); (c) Região Nordeste: Meira (2006), Carvalho (2007), Vieira (2007) e Oliveira (2007). Outras pesquisas controlam dados de diferentes regiões, como: Rocha (1997), com amostras do Rio de Janeiro e também de Brasília; e Alves (2009), de Muriaé e Feira de Santana. O estudo pioneiro parece ser de Botelho Pereira (1974).

Dentre esses 18 estudos, 16 priorizam a análise de amostras de fala, decisão metodológica que pode ser resultado, também, da existência de bancos de dados de fala já constituídos, como VARSUL (PIMPÃO, 1999; 2012; FAGUNDES, 2007), Iboruna (SANTOS, 2005), Discurso e Gramática (SANTOS, 2005; VIEIRA, 2007), VALPB (2007), NURC e PEUL (ALMEIDA 2010), PORTVIX (2011)⁵. Apenas 3 trabalhos incluem também análise de amostra diacrônica: Alves (2009), com base em dados do texto intitulado ‘História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil’, do século XVI; Almeida (2010), a partir de uma amostra composta por textos escritos do século XIII ao século XX; e Pimpão (2012), com cartas ao redator publicadas em jornais de Florianópolis e Lages. 2 trabalhos ainda envolvem a aplicação de testes e outros 2, a análise de textos escritos sincrônicos (redações escolares e discursos político e científico).

4 (LABOV, 1994, p. 21): “[...] knowledge of processes that operated in the past can be inferred by observing ongoing process in the present.”

5 Bancos de dados de fala: VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil), Iboruna, Discurso e Gramática, VALPB (Variação Linguística no Estado da Paraíba), NURC (Norma Urbana Oral Culta), PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), PORTVix (Português Falado em Vitória).

Reconhece-se, nesse sentido, o significativo mapeamento do uso variável do modo subjuntivo em dados de fala do português brasileiro, contemplando diferentes regiões e diferentes estados do país, a despeito das especificidades de cada amostra, como tempo verbal investigado (presente, presente e passado, ou os três tempos), contexto sintático analisado, variáveis independentes controladas – linguísticas e extralinguísticas –, fatores discriminados em cada variável independente (PIMPÃO; GORSKI, 2010; PIMPÃO, 2015). A investigação acerca do uso variável do subjuntivo é tão produtiva quanto recente. E mais recente ainda é o interesse pela abordagem diacrônica. Fica aqui registrada a importância do mapeamento estender-se para a diacronia, não somente pela compreensão mais abrangente do fenômeno, como também pela possibilidade de validar a constatação de Pimpão (2012) acerca da relevância estatística de variáveis associadas à modalidade. Esse é o foco da seção seguinte.

Variação do presente do subjuntivo em cartas ao redator catarinenses

Pimpão (2012) investiga a variação entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo em duas amostras: entrevistas sociolinguísticas com informantes naturais de Florianópolis e Lages e cartas ao redator publicadas em jornais dessas mesmas cidades. As entrevistas foram gravadas na década de 1990 e as cartas recobrem o período de 1883 a 1999. Foram investigados cinco contextos sintáticos: orações substantivas, orações adverbiais, orações adjetivas, orações com **talvez** e orações parentéticas, respectivamente ilustradas a seguir. Como um dos objetivos deste trabalho consiste em avançar na análise dos resultados alcançados para os dados diacrônicos, os exemplos que seguem são oriundos da amostra de cartas ao redator, à exceção do (5), apenas encontrado nos dados de fala.

- 1) **ESPERO**, todavia, **QUE** depois a Prefeitura não **RESOLVA** inverter as prioridades. (FLP, O Estado, 1980)
- 2) **COM QUANTO RECONHEÇA** minha falta de recursos intelectuais e de instrução adquirida no seio da sociedade, porque vivo afastado della, tenho com tudo o arrojo de lhe pedir a inserção destas linhas no seu lido jornal. (LGS jornal O Lageano de 10/06/1883)

- 3) O brasileiro ainda tem que aprender muito, para alcançar um certo nível, **QUE** lhe **MOSTRE** como proceder em determinadas horas como esta. (LGS, O Planalto, 1979)
- 4) Mas, sr. Dr. uma coisa esse conceituado jornal tem esquecido e **TALVEZ** essa **SEJA** de maior alcance político e social. (FLP, Diário da Tarde, 1950)
- 5) Ah, mas, assim, o que mais me marcou, **QUE** eu me **LEMBRO**, foi isso, que foi muito engraçado. Da árvore, né? da árvore que a gente se jogava de uma pra outra e de King Kong que era muito engraçado.

A seleção desses contextos de análise decorre dos preceitos prescritivos registrados em gramáticas normativas, para as quais o subjuntivo é o modo da incerteza e o indicativo, da certeza. Essas mesmas gramáticas elencam contextos de uso obrigatório do modo subjuntivo, conforme ilustrado nos exemplos, e, se admitem a presença do indicativo, como no contexto de **talvez**, o valor modal necessariamente deve mudar. Nesse sentido, não há espaço para variação (CUNHA, 1992; MENDES DE ALMEIDA, 2005; BECHARA, 2006; CEGALLA, 2007; CUNHA; CINTRA, 2007).

Um dos objetivos do trabalho de Pimpão (2012) consiste em distribuir a variação em um *continuum* de modalidade, tanto para os dados de fala de Florianópolis e de Lages (VARSUL/SC), quanto para os dados diacrônicos, provenientes das cartas. Encerra-se a pesquisa praticamente com a seguinte pergunta: com base nos resultados encontrados na pesquisa, “estariam os resultados da diacronia indicando uma perda gradual nas distinções de modo?” (PIMPÃO, 2012, p. 322). Essa perda é defendida por Câmara Jr. (1974), Perini (1996, 2006, 2010), Silva-Corvalán (1994) e Mattos e Silva (2006).

Na tentativa de principiarmos uma discussão nessa direção, segundo objetivo deste trabalho, partimos dos resultados de Pimpão (2012) para a amostra diacrônica e procedemos a novas rodadas estatísticas para a amostra dos dados de fala de informantes naturais de Florianópolis e Lages. Tendo em vista a pergunta reproduzida no parágrafo anterior, foi necessário recorrer aos resultados para a amostra de fala para fins de comparabilidade. Na amostra de fala, no entanto, há um contexto de análise não encontrado na amostra diacrônica – as orações parentéticas, conforme ilustrado em (5). Sendo assim, uma vez recuperados os dados, esse contexto de análise foi excluído nas rodadas para ambas as cidades.

Como a pergunta motivadora envolve modalidade, neste trabalho, somente serão discutidas as três variáveis a ela associadas: projeção temporal da situação codificada, submodo e valores do submodo. A noção de modalidade está ancorada especialmente na literatura givoniana. Givón (1984, 1993, 1995, 2001, 2005) estende para o eixo comunicativo, para o discurso multiproposicional, a concepção de modalidade defendida por Lyons (1977): manifestação da opinião ou atitude do falante. Para Givón (2005, p. 149), “a atitude do falante não é apenas – nem principalmente – sobre a proposição propriamente dita, mas sim sobre a atitude do ouvinte em relação à proposição assim como em relação ao falante”⁶. A modalidade instaura-se na negociação comunicativa, envolvendo a atitude do falante que, por sua vez, não pode desconsiderar a atitude do ouvinte acerca da proposição (BYBBE; FLEISCHMAN, 1995).

A modalidade está assentada em dois eixos: o epistêmico, eixo do conhecimento; e o deontico, eixo da conduta, que envolvem as seguintes noções: “atitudes epistêmicas: verdade, crença, probabilidade, certeza, evidência e atitudes avaliativas: desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação”⁷ (GIVÓN, 1995, p. 112). Os dados (1) a (4) ilustram esses eixos: deontico em (1) e (3) e epistêmico em (2) e (4). Ainda, atentando para os valores de cada eixo, é possível identificar desejo em (1), certeza em (2), manipulação em (3) e probabilidade/crença em (4). Um quinto valor do submodo deontico, a avaliação, pode ser ilustrado no dado a seguir.

- 6) É muito **NATURAL QUE** ao tocar o solo lajeano, **SE EXPRESSEM** daquela maneira, pois que, muitos são os melhoramentos realizados ultimamente em Lajes. (LGS, Correio Lajeano, 1944)

O submodo deontico muito frequentemente carrega uma noção de projeção futura. Em (1), por exemplo, o desejo é de que Prefeitura “resolver inverter as prioridades”, o que pode ou não vir a concretizar-se. Por essa razão, Givón (1995) destaca que, “se deontico, então incerteza epistêmica, mas não necessariamente vice-versa”⁸. O submodo

6 (GIVÓN, 2005, p. 149): “The speaker attitude is, in turn, never just – not even primarily – about the proposition itself, but rather about the *hearer’s attitude* toward the proposition as well as toward the speaker.”

7 (GIVÓN, 1995, p. 112): “Epistemic attitudes: truth, belief, probability, certainty, evidence. Evaluative attitudes: desirability, preference, intent, ability, obligation, manipulation.”

8 (GIVÓN, 1995, p. 122): “If deontic, then epistemic uncertainty (but not necessarily vice versa).”

deôntico associado à projeção futura de forma mais evidente assinalam a modalidade *irrealis*, segundo a qual uma proposição é fracamente asserida, seja por ser desejada, incerta, possível. Assim, o falante não está preparado para oferecer evidências e bases consistentes e, portanto, a contestação por parte do ouvinte é altamente esperada. Esse contexto, segundo o autor, é propício ao uso do subjuntivo.

Dados como (6), no entanto, ilustram situações em que o submodo deôntico se manifesta, porém sem projeção futura. Nesse caso, a situação apresentada faz referência a um comentário do leitor acerca da forma como os lagesanos percebem a cidade de Lages muito mudada depois de passarem um período em outra cidade. O reconhecimento de que Lages está mudada e de que se encontra em “franco progresso”, conforme mencionado no jornal, é manifestado por diferentes pessoas. Assim, a situação descrita em (6) já ocorreu e continuou ocorrendo, pelo menos até o momento da redação da carta. Não havendo projeção futura, tem-se o que Pimpão (2012) denomina projeção espraçada.

Desse modo, sintetizando, foram estas as variáveis associadas à modalidade controladas na pesquisa, acompanhadas dos respectivos fatores, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 3 – Variáveis linguísticas e respectivos fatores

VARIÁVEIS	FATORES
Projeção temporal da situação codificada	Projeção futura
	Projeção espraçada
Submodo	Deôntico
	Epistêmico
Valores do submodo	Desejo
	Manipulação
	Avaliação
	Probabilidade/crença
	Certeza

Essas três variáveis associadas à modalidade obtiveram relevância estatística, especialmente a **projeção temporal**, selecionada na rodada de Florianópolis e também de Lages, tanto na amostra diacrônica como na amostra sincrônica dos dados de fala. Os quadros a seguir apresentam as variáveis estatisticamente relevantes para ambas as cidades e nas duas amostras, obedecendo à ordem de seleção. Relembramos que

somente serão analisadas as variáveis associadas à modalidade e sintaxe o leitor convidado a conferir os resultados para as demais variáveis em Pimpão (2012).

Quadro 4 – Variáveis independentes selecionadas na amostra diacrônica Fonte: Pimpão, 2012, p. 296

FLORIANÓPOLIS	LAGES
Submodo	Projeção temporal
Tipo de contexto sintático	Valores do submodo
Projeção temporal	Periodização histórica
–	Tipo de contexto sintático

Quadro 5 – Variáveis independentes selecionadas na amostra sincrônica dos dados de fala

FLORIANÓPOLIS	LAGES
Projeção temporal	Projeção temporal
Pessoa	Submodo
Morfologia verbal	Estrutura da assertividade da oração
Sexo	Escolaridade
Escolaridade	–

Em termos de seleção estatística, não há como negar a importância das três variáveis para ambas as cidades e respectivas amostras. Ainda que em nenhum momento as três se mostrem atuantes, provavelmente pela sobreposição de fatores, a **projeção temporal** destaca-se nas quatro rodadas e, em geral, está acompanhada de outra variável: submodo ou valores do submodo. De acordo com os quadros 4 e 5, apenas a seleção de variáveis na amostra dos dados de fala de informantes de Florianópolis se revela mais heterogênea, na medida em que variáveis de natureza morfológica e social também obtêm relevância. E nesse sentido, de fato, há menos atuação das variáveis associadas à modalidade.

Na sequência, as tabelas exibem os resultados para as três variáveis concernentes à modalidade. Ao ler as colunas, o leitor deve estar atento aos resultados entre parênteses. Quando dada variável não se mostrou significativa em uma cidade, para fins de comparabilidade, o peso relativo foi extraído do nível um do *stepdown*.

Tabela 1 – Atuação de variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do *presente do modo subjuntivo* na rodada geral das ocorrências de escrita de Florianópolis e Lages

VARIÁVEIS	FLORIANÓPOLIS			LAGES		
	Freq./Apl.	%	P.R.	Freq./Apl.	%	P.R.
Projeção temporal da situação codificada						
Projeção futura	125/131	95%	0,653	161/164	98%	0,788
Projeção espalhada	70/99	70%	0,302	71/105	67%	0,114
Valores do submodo						
Volição	07/07	100%	-----	24/24	100%	-----
Certeza	30/38	78%	(0,571)	29/35	82%	0,479
Probabilidade/crença	36/59	61%	(0,500)	34/59	57%	0,067
Avaliação	07/08	87%	(0,459)	11/13	84%	0,651
Manipulação	115/118	97%	(0,480)	134/138	97%	0,749
TOTAL	195/230	84%		232/269	86%	

Fonte: Adaptado de Pimpão 2012, p. 298

Com base nos resultados, o presente do subjuntivo é favorecido pela projeção futura e desfavorecido pela projeção espalhada, ainda que, sob esse escopo, alcance percentuais elevados (70% em Florianópolis e 67% em Lages). Com relação à variável valores do submodo, a forma variante em análise apresenta uso categórico em contexto de volição e é favorecida pelos valores avaliação e manipulação nos dados de Lages, conforme esperado, tendo em vista que valores associados ao submodo deontico constituem o ambiente propício ao uso do subjuntivo. Em Florianópolis, no entanto, os valores não acompanham os de Lages devido à interação com a variável submodo. De acordo com Pimpão (2012, p. 298),

na rodada da qual foram extraídos os resultados, observamos que, no nível 1, ‘manipulação’ apresenta o peso mais elevado (0,786) e, em segundo, ‘avaliação’ (0,402). No nível 2, entretanto, ao interagirem com a variável ‘submodo’, os valores se alteram: ‘manipulação’ passa para 0,510 e ‘avaliação’ para 0,159.

Na amostra de fala, também a projeção futura constitui ambiente favorável ao uso do presente do modo subjuntivo. Os valores probabilísticos são mais altos em comparação com a amostra diacrônica, ainda que os resultados percentuais baixem, especialmente em contexto de projeção espalhada, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 2 – Atuação de variáveis concernentes à modalidade sobre o uso do presente do modo subjuntivo na rodada geral das ocorrências de fala de Florianópolis e Lages

VARIÁVEIS	FLORIANÓPOLIS			LAGES		
	Freq./Apl.	%	P.R.	Freq./Apl.	%	P.R.
Projeção temporal da situação codificada						
Projeção futura	49/67	73%	0,695	48/54	88%	0,843
Projeção espalhada	83/176	47%	0,422	87/166	52%	0,366
Submodo						
Deontico	46/67	68%	(0,876)	60/73	82%	0,765
Epistêmico	86/176	48%	(0,322)	75/147	51%	0,357
TOTAL	132/243	54%		135/220	61%	

O presente do subjuntivo também é favorecido pelo submodo deontico em ambas as cidades, que tende a carregar um valor de projeção futura e, conseqüentemente, de incerteza, tendo em vista que situações sob o escopo do desejo, da manipulação podem ou não vir a realizar-se. A projeção espalhada, por outro lado, desfavorece o presente do subjuntivo, assinalando um contexto propício ao uso do presente do indicativo.

Sintetizando, com base nos resultados, é possível afirmar: (i) a relevância da variável projeção temporal no condicionamento do presente do subjuntivo; (ii) o submodo deontico associado ao valor de volição constitui ambiente propício ao uso dessa forma variante; (iii) os resultados para a projeção futura alcançam percentuais muito elevados na amostra diacrônica (95% em Florianópolis e 98% em Lages), o que não se verifica com a mesma intensidade nos resultados para os dados de fala (73% e 88%, respectivamente); (iv) a projeção espalhada atinge percentuais elevados na amostra diacrônica (70% e 67%), que decaem muito na amostra de fala (47% e 52%).

Considerações Finais

Os dois objetivos propostos no início deste trabalho foram alcançados. O primeiro consistia em apresentar as etapas percorridas por Pimpão (2012) para a constituição de uma amostra de cartas ao redator de jornais de Florianópolis e Lages. A tarefa foi árdua, especialmente pela baixa regularidade de cartas e pela ausência de um espaço fixo destinado à publicação de cartas em jornais catarinenses até a década de 1960. Essas situações ilustram a dificuldade com a qual o pesquisador pode se

deparar ao constituir uma amostra diacrônica. A partir do contato com diferentes jornais e em diferentes períodos, foi possível identificar um parâmetro que permitisse localizar com mais segurança uma carta ao redator, mesmo naqueles períodos em que os jornais ainda não dispensavam uma seção para sua publicação. O vocativo usado pelo leitor para se dirigir ao redator do jornal marca, de forma inquestionável, o gênero carta ao redator. Esse parâmetro foi então utilizado para a organização do material, que, a partir de então, integra o PHPB/SC.

Com relação ao segundo objetivo, os resultados indicam a forte atuação das variáveis concernentes à modalidade. Em todas as rodadas, a primeira variável com relevância estatística é dessa natureza, tanto na amostra diacrônica quanto na amostra de fala. O diferencial parece estar, com mais evidência, nas altas taxas de presente do subjuntivo para a variável **projeção temporal** na amostra diacrônica, tanto para a projeção futura quanto para projeção espaiada. Talvez uma outra variável esteja atuando. Conforme observado no Quadro 4, a variável **tipo de contexto sintático** foi selecionada nas rodadas de Florianópolis e de Lages. Talvez um olhar mais cuidadoso para essa variável na amostra diacrônica possa contribuir com uma maior compreensão dos valores percentuais diferentes entre ambas as amostras, especialmente no que se refere à projeção espaiada. A resposta ao segundo objetivo, portanto, ainda permanece em aberto. De qualquer forma, os resultados indicam uma preferência de valores temporais em detrimento de valores modais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Érica. Sousa de. **Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas**: do século XIII ao XX. 2010. 294f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ALVES NETA, Ana. **O uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo no português brasileiro**. 2000. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

ALVES, Rosana Ferreira. **A expressão de modalidades típicas do subjuntivo em duas sincronias do português: século XVI e contemporaneidade**. 2009. 197f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

BARBOSA, Astrid Franco. **Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)**. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. (revisita e ampliada). Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BOTELHO PEREIRA, Maria Angela. **Aspectos da oposição modal indicativo/subjuntivo no português contemporâneo**. 1974. 265f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1974.

BYBEE, Joan; FLEISCHMAN, S. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de linguística geral**. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.

CARVALHO, Hebe Macedo de. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações substantivas em função dos tempos verbais presente e imperfeito na língua falada do Cariri**. 2007. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

COSTA, Iara Bemquerer. **O verbo na fala de camponeses: um estudo de variação**. 1990. 223f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

CUNHA, Celso. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1992.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

FAGUNDES, Edson Domingos. **As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo**. 2007. 220f. Tese (Doutorado em Letras) – Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

*Corpus
diacrônico*

GIVÓN, T. **Context as other minds: the pragmatics of sociality, cognition and communication**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

239

_____. **English grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 1993.

_____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.

GONÇALVES, Jussara Regina. **Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do Português do Brasil**. 2003. 100f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2003.

GUIRALDELLI, Lisângela Aparecida. **O modo subjuntivo e a expressão das modalidades epistêmica, deôntica e volitiva**. 2004. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.

LABOV, William. **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principles of linguistic change**. Volume I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LYONS, John. **Semantics**. Vol II. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O português arcaico**: fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

MEIRA, Vivian. **O uso do modo subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro**. 2006. 317f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de. **O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil**. 2007. 155f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. (Orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow. Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no português do Brasil. **Working Papers em Linguística**, 16(1), 120-141, Florianópolis, jan/jul, 2015.

_____. **Uso variável do presente do presente do modo subjuntivo:** uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX. 2012. 350f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

_____. **Variação no presente do modo subjuntivo:** uma abordagem discursivo-pragmática. 1999. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIMPÃO, Tatiana Schwochow; GÖRSKI, Edair Maria. Interpretação qualitativa de resultados quantitativos: uma análise do processo metodológico na comparação de diferentes pesquisas. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 1, p. 71-81. 2010.

*Corpus
diacrônico*

241

ROCHA, Rosa Cecília. **A alternância indicativo/subjuntivo nas orações subordinadas substantivas em português.** 1997. 125f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

SANTOS, Regina Marques Alves dos. **O uso variável do modo subjuntivo em estruturas complexas.** 2005. 170f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. **Language Variation and Change**, 6(3), p. 255-272. 1994.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1994.

VIEIRA, Marta Mara Munguba. **Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas:** uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá. 2007. 106f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

WHERRITT, I. M. **The subjunctive in Brazilian Portuguese.** 1977. 191f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Department of Modern and Classical Languages, University of New Mexico, Albuquerque, 1977.

ANEXO 1 – Cartas coletadas nas cidades de Florianópolis e Lages

Períodos	LOCALIDADES			
	Florianópolis		Lages	
1880-1899	O Despertador 1882 ¹	12/07	O Lageano 1883, 1884	1883 (10/06, 07/07), 1884 (10-17/08, 26/10)
	O Conservador 1884	25/10, 11-15-24/12	Gazeta de Lages 1892 ² , 1895	1892 (03/08, 25/12), 1895 (03/11)
	Gazeta do Sul 1890	17-18-19/04, 22/05	Região Serrana 1897, 1899	1897 (06-13/06, 31/10), 1899 (23/04, 03/12)
	República 1892	11/08	-	-
	O Estado 1894, 1896	1894 (24/01), 1896 (13/05)	-	-
	TOTAL	12 cartas	TOTAL	14 cartas
1900-1919	Sul-Americano 1900	1 ou 2, 15/04	O Imparcial 1902, 1903	1902 (26/02, 16/04), 1903 (11/07, 10/10, 12/12)
	O Dia 1902, 1910	1902 (03/05, 08/07) 1910 (08/07)	Região Serrana 1906, 1912,	1906 (22/07, 26/08), 1912 (12/03)
	Correio do Povo 1905	18/07, 14/08	O Planalto 1917, 1918, 1919	1917 (14/06), 1918 (31/01), 1919 (01-27/02, 03/04)
	O Ideal 1906	11/11	O Lageano 1918	23/03/1918
	Gazeta Catharinense 1908, 1909	1908 (21/01, 05/03), 1909 (24/07)	-	-
	O Clarão 1911	10/09	-	-
	O Petardo 1913	31/05	-	-
	A Semana 1915	28/03	-	-
	O Olho 1916	13/05	-	-
	O Estado 1919	04/02	-	-
	TOTAL	16 cartas	TOTAL	14 cartas

Tatiana
Schwochow
Pimpão

242

1920-1939	A Verdade 1921	25/04, 23/05, 01/10	O Planalto 1923	03/02
	O Atalaia 1924	Dezembro	A Época 1924, 1926, 1927, 1928, 1929	1924 (31/08), 1926 (03-17/10, 07/11), 1927 (17/07, 02/10), 1928 (19/08), 1929 (09/06)
	O Estado 1927, 1929, 1937	1927 (29/04, 24/05), 1929 (09/05, 05/06), 1937 (22/10)	Correio de Lages 1929, 1930	1929 (07/07), 1930 (09/05, 26/07)
	República 1932	30/03, 02-27/04	Região Serrana 1937	19/09, 03/10
	Correio do Povo 1934	12/12	Guia Serrano 1939 ³	22/06, 31/08
	Diário da Tarde 1935, 1939	1935 (02-09-23/08), 1939 (26/08, 12/09)	Correio Lage- ano 1939	25/11
	A Gazeta 1938	08/01, 20-26 e 27/07	-	-
	TOTAL	22 cartas	TOTAL	18 cartas
1940-1959	Diário da Tarde 1946, 1949, 1950, 1959	1946 (02-17/01, 12/02), 1949 (05/05, 20/07), 1950 (04/01, 04-10/03), 1959 (21/07, 21/08, 04/09, 14/11)	Correio Lage- ano 1940, 1944	1940 (09-30/03, 23/04), 1944 (16/12)
	O Idealista 1946	Abril	Região Serrana 1946, 1947, 1949, 1950	1946 (25/08), 1947 (12/10), 1949 (09/01, 08-11/06, 20/07), 1950 (25- 29/03)
	O Estado 1948, 1955 ⁴	1948 (04/09), 1955 (13-19/01)	Jornal da Serra 1952	16/04, 21/08, 23/10
	-	-	Jornal de Lajes 1956, 1957	1956 (24/03, 08/12), 1957 (30/03)
	TOTAL	17 cartas	TOTAL	18 cartas

*Corpus
diacrônico*

243

1960-1979	Diário da Tarde 1960	07-13/01	Correio Lage- ano 1960, 1961, 1962, 1963, 1971, 1972, 1973, 1977 ⁵	1960 (24/09), 1961 (04/01, 01/04), 1962 (03/02), 1963 (05/01, 04/05), 1971 (03-28/10), 1972 (04/01), 1973 (05/04), 1977 (23- 25-26-29/10)
	Imprensa Nova 1967, 1968	1967 (1ª quinze- na/05, 1ª quinze- na/08), 1968 (nº 20)	O Planalto 1978, 1979	1978 (21-28/01, 18/02, 25/03, 18/11), 1979 (14- 28/04, 19/05, 02- 09-30/06, 14/07)
	A Gazeta 1970	06/01	-	-
	O Estado 1975 ⁶	14-18- 26-28/02	-	-
	Diário Catari- nense 1978 ⁷	17-21/05	-	-
	TOTAL	17 cartas	TOTAL	30 cartas
1980-1999	A Ponte 1980	1ª sem./06	O Planalto 1980	05-12-26/01, 02-09-16-23/02, 01-15-29/03, 10-24 e 31/05
	Jornal da Semana 1980	26/01 a 02/02 (três cartas), 29/03 a 05/04, 05-12/04 (duas cartas), 19-26/04	Correio Lage- ano 1984, 1988, 1992, 1995, 1996, 1997, 1998	1984 (24/10), 1988 (19/02), 1992 (24/10), 1995 (09-16-17/03, 12-19-20/04), 1996 (01-13-26/11), 1997 (21/08, 19-26/09), 1998 (05/02)
	O Estado 1980 ⁸ , 1981, 1982, 1989 ⁹ , 1990, 1992, 1995 ¹⁰ , 1999	1980 (02-16/10), 1981(1 ^o /03), 1982 (05-07-09/01), 1989 (04-05/02, 07-08/02, 1990 (10-29/08), 1992 (11-16/10), 1995 (24- 28/04) 1999 (16-30/08)	-	-
	Diário Catari- nense 1993, 1997 ¹¹ , 1998 ¹²	1893 (21 e 26/04), 1997 (16-18-25/06), 1998 (05/05)	-	-
	TOTAL	37 cartas	TOTAL	29 cartas
	TOTAL	121 CARTAS		123 CARTAS
TOTAL GERAL 244 CARTAS				

Fonte: Pimpão, 2012, p. 339-343

Notas do anexo

- 1 Os jornais e datas destacados pelo sombreamento correspondem às sete cartas já disponíveis no PHPB/SC à época desta pesquisa. Todas as demais foram por nós coletadas e, desde então, integram o acervo do PBPH/SC.
- 2 Há duas cartas referentes à data de 25/12/1892.
- 3 Há duas cartas referentes à data de 22/06/1939.
- 4 Há duas cartas referentes à data de 19/01/1955.
- 5 Há duas cartas referentes à data de 25/10/1977 e quatro referentes à data de 26/10/1977.
- 6 Há duas cartas referentes à data de 26/02/1975.
- 7 Há duas cartas referentes à data de 17/05/1978 e quatro referentes à data de 21/05/1978.
- 8 Há duas cartas referentes à data de 02/10/1980.
- 9 Há duas cartas referentes à data de 08/02/1989.
- 10 Há duas cartas referentes à data de 24/04/1995.
- 11 Há duas cartas referentes à data de 18/06/1997 e duas referentes à data de 25/06/1997.
- 12 Há duas cartas referentes à data de 05/05/1998.

*Corpus
diacrônico*

245